

CAMINHOS: JUVENTUDE, PROFECIA E ESPIRITUALIDADE*

PATHS: YOUTH, PROPHECY AND SPIRITUALITY

Emerson Sbardelotti Tavares**

RESUMO

Apresenta e sugere reflexões para questionamentos hodiernos sobre a juventude enquanto portadora de profecia e de espiritualidade, numa sociedade globalizada, onde há uma inevitável mudança de valores, do aumento do individualismo, do fundamentalismo, da violência e do extermínio de jovens. Desenvolve a temática a partir da realidade em que está inserida a juventude, e como a mesma compreende e experimenta a profecia e a espiritualidade, acentuando-se sua vocação, disponibilidade para a missão, sua espontaneidade, seu humor, sua energia rebelde que a coloca em rota de colisão com antigas respostas que já não satisfazem sua curiosidade e sua objetividade, sua presença nos serviços da comunidade eclesial de base ou apenas na participação quase omissa e sem pretensão alguma nas Celebrações da Palavra e nas Celebrações Eucarísticas. Trabalha conceitos básicos e necessários para uma Igreja que talvez não queira mais falar de injustiça e de pobres e que já esteja convencida que a palavra morreu. Se há jovens profetas, onde eles estão?

Palavras-chave: juventude, profecia, espiritualidade.

* Artigo enviado em 19/03/14 e aprovado para publicação em 21/05/2014.

** Mestrando em Teologia Sistemática pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; Bacharel em Teologia pelo Instituto de Filosofia e Teologia da Arquidiocese de Vitória do Espírito Santo; Licenciado em História pelo Centro Universitário São Camilo – Vitória/ES; Bacharel em Turismo pela Faculdade de Turismo de Guarapari/ES; Autor de *O Mistério e o Sopro – roteiros para acampamentos juvenis e reuniões de grupos de jovens*. Brasília: CPP (www.cpp.com.br), 2005; Autor de *Utopia Poética*. São Leopoldo: CEBI (www.cebi.org.br), 2007. Correio eletrônico: est_capixaba@yahoo.com.br.

ABSTRACT

This paper presents and suggests reflections for today's questions about youth while carrier prophecy and spirituality, in a globalized society, where there is an inevitable change values, increasing individualism, fundamentalism, violence and extermination of young people. It develops the theme from the reality in which is inserted on youth, and how they understands and make experience the prophecy and spirituality, accentuating their vocation, availability for the mission, their spontaneity, their humor, their rebel energy which puts on a course of collision with old answers that do not longer satisfy their curiosity and objectivity, their presence in the ecclesial community services or just almost silent and participation without pretense whatsoever in the Word and Eucharistic celebrations. The article works fundamental and indispensable concepts for a church that might not want more talk about injustice and poor people, and it is already convinced that the word is died. If there are young prophets, where are they?

Keywords: youth, prophecy, spirituality.

Introdução

Quais são os caminhos que nos levam à juventude, à profecia e à espiritualidade?

Quais são os caminhos que nos fazem estar na presença de Deus?

Juventude, profecia e espiritualidade são partes do grande memorial que se faz todas as vezes que encontramos um grupo de jovens, debatendo seus sonhos, utopias, esperanças, realizações, mas também a dor, o fracasso e o desânimo com tudo o que vem acontecendo na sociedade e em alguns setores dentro da Igreja.

Ter e ser juventude, ser profeta e viver uma espiritualidade encarnada na vida do Povo Santo de Deus são elementos indispensáveis para uma entrega feliz ao Reino da Vida.

Elementos esquecidos ou mal interpretados. A presente reflexão surge para tentar responder aos questionamentos hodiernos sobre a juventude enquanto portadora de profecia e de espiritualidade, numa sociedade globalizada, onde há uma inevitável mudança de valores, do aumento do individualismo, do fundamentalismo, da violência e do extermínio de jovens. Quais caminhos serão percorridos?

O presente artigo procura entender a temática a partir da realidade em que a juventude está inserida, e como a mesma compreende e experimenta a profecia e a espiritualidade, acentuando-se sua vocação, disponibilidade para a missão, sua espontaneidade, seu humor, sua energia rebelde que a coloca em rota de colisão com antigas respostas que já não satisfazem sua curiosidade e sua objetividade, sua presença nos serviços da comunidade eclesial de base ou apenas na participação quase omissa e sem pretensão alguma nas Celebrações da Palavra e nas Celebrações Eucarísticas. Trabalhar conceitos básicos e necessários para uma Igreja que voltou, após longo inverno a falar mais de injustiça e de pobres e que se convenceu que a palavra não morreu. Há, portanto, uma pergunta de fundo: Se há jovens profetas, onde eles estão?

Arrisco em repetir as palavras do poeta¹:

A VIDA SE TECE DE SONHOS

A vida se tece de sonhos!
Sonhar é a melhor parte do viver!
Somos jovens do campo e da cidade,
na luta por justiça e solidariedade.
Só ama quem sonha!
Só sonha quem fala:
"por uma terra sem males e demarcada!"
"olha como o vento desfralda a wiphala!"
E não haverá miséria nem fome.
Será diferente o futuro de ricos e pobres
e não haverá miséria nem fome.
Cada um será chamado pelo próprio nome.
São os sonhos da resistência.
É a realidade que surge nova.
Somos jovens em busca da paz.
É paz consciente que da terra brota!
A vida se tece de sonhos!
E sonhar não custa nada.
Somos profetas e poetas,
somos gente e profetas!
E estamos aí pelas ruas e praças,
com sonhos, alegrias e virtude,
no Continente da Esperança,
somos Pastoral da Juventude.

1. O Espírito sopra onde quer...

"Não deixe cair a profecia!"² Foi essa a última mensagem que D. Hélder Câmara falou para o monge Marcelo Barros, poucos dias antes da sua morte. E esta, dita por aquele, que havia sido o grande

¹ TAVARES, Emerson Sbardelotti. *Utopia Poética*. São Leopoldo: CEBI, 2007, p. 17.

² COMBLIN, José. *A Profecia na Igreja*. São Paulo: Paulus, 2008.

profeta do século XX na América Latina e no Brasil, demonstra que o profeta deve ser um agoniado e que não aceita a morte da profecia, que não aceita que a chama profética se apague do coração e da alma da Igreja. Afinal, o projeto salvífico de Deus se desenvolve no interior da história humana, por meio dos povos que Ele chama para Si, numa sociedade e época histórica. E Deus continua chamando novos profetas e profetisas, que tenham o cheiro das ovelhas.

Onde estão os profetas e as profetisas, onde estão as discípulas e os discípulos que anunciam, denunciam e ameaçam?

A profecia morreu?

Não! Mas ela está um pouco escondida.

O problema de ontem e de hoje é a pobreza institucionalizada (econômica e politicamente) em que vivem as famílias dos jovens de hoje, o que é uma afronta ao Deus de Jesus de Nazaré; a vivência religiosa irá exigir de nós, depois de 50 anos do Concílio Ecumênico Vaticano II, uma gradual e radical transformação da sociedade, forçando-nos a buscar as fontes de nossa profecia, de nossa espiritualidade, de nossa identidade.

O Espírito sopra onde quer, e ninguém tem poder sobre ele. Mesmo assim, é tempo de atentamente esperar os sinais dos tempos.

A juventude do século XXI no Brasil tem consciência de que a profecia é uma ação pública de grande visibilidade necessária?

Ela sabe que é a espiritualidade encarnada na vida do povo que a faz ser profeta de Deus?

Onde estará a juventude, já que muitas vezes não está nas comunidades eclesiais de base, nos movimentos sociais? A juventude está no mundo!

Quais seriam as visões distorcidas ou não que o mundo tem dela?

O que seria a juventude, a profecia e a espiritualidade?

1.1 Conceitos básicos, mas que foram esquecidos.

Sobre juventude há muitos pontos de vista para analisá-la. Indico a classificação mais objetiva e sintética, construída em mutirão, que parte da perspectiva cristã católica e comprometida com milhares de grupos de jovens espalhados pelo Brasil.

Quatro visões de juventude³:

1. Visão Biocronológica: define a juventude em termos de idade, etapa de transição. Aquela que tem de 15 a 24 anos⁴.

2. Visão Psicológica: identifica a juventude com os conflitos pessoais em que tem a vida nas mãos, mas não tem o reconhecimento e a capacidade, etapa de construção da identidade: tempo de opções e definições.

3. Visão Sociológica: vê na juventude um grupo social e, dentro dele, diferentes setores.

4. Visão Cultural-Simbólica: procura ver a juventude em seu habitat cultural, produzindo movimentos culturais que acentuam a estética e o lúdico.

Para Dick, estaria faltando, entre essas visões uma quinta: a Visão Jurídica ou Legal de Juventude – aquela que impera em muita leitura ou abordagem a respeito do tema⁵.

Mas o que é juventude?

A palavra *juventude* remete-nos a ideia de uma fase da vida, situada entre a infância e a vida adulta, entre a dependência – caracterizada pela primeira – e a autonomia – caracterizada pela segunda. Mas ainda que na maior parte das sociedades, ao longo da história, a ideia de fases da vida esteja de alguma forma presente, elas adquirem diferentes recortes e significados. A noção de juventude, assim como as das demais fases do ciclo de vida, apresenta-se como uma construção sócio-histórica. Em cada sociedade, em cada época histórica, e de acordo com os diferentes grupos que a compõem, as fases da vida assumirão características específicas quanto à duração de cada uma delas, às suas características e aos seus significados. Nem sempre a juventude aparece como fase claramente distinta da infância e da maturidade. [...] Percebe-se que a vida adulta parece estar cada vez mais difícil de ser atingida, o que provoca o alongamento da juventude. No mundo atual, porém, a juventude não se torna apenas mais longa; torna-se também mais complexa. [...] Na sociedade contemporânea, podemos dizer que os jovens e as jovens não apenas se preparam para o futuro: inserem-se no presente, inserem-se na vida adulta; não têm na escola seu único espaço: fazem-se presentes em diferentes âmbitos da vida social. Ocupando os mesmos espaços que os adultos, destes se diferenciam pelo caráter mais experimental de sua inserção.

³ CELAM – Conselho Episcopal Latino – Americano. Seção Juventude – SEJ. *Civilização do Amor: Tarefa e Esperança*. Orientações para a Pastoral da Juventude Latino-Americana. São Paulo: Paulinas, 1997.

⁴ A UNESCO defende esta concepção.

⁵ DICK, Hilário. *Gritos silenciados, mas evidenciados: Jovens Construindo Juventude na História*. São Paulo: Edições Loyola, 2003, p. 10-14.

Rapazes e moças experimentam diferentes inserções nas mais diversas dimensões: do trabalho, da vida afetiva, da sexualidade, da cultura e do lazer, da participação política.

Libanio⁶ nos diz que há um olhar duplo: o da sociedade para o jovem e o do jovem para si mesmo. A sociedade olha o jovem e o considera em fase importante do desenvolvimento de sua personalidade. Mas também, o vê como alguém subordinado e ainda submetido a uma marginalização do trabalho e das funções políticas. O jovem olha a si mesmo e entra numa idade de apropriação das diferenças que o afetam no campo sociopsicológico, ao mesmo tempo que se prepara para enfrentar situações adultas diferenciadas, passando do mundo particularista da família para o mundo universalista do trabalho e das relações sociais. Os grupos de jovens ajudam a integrar o modelo de família com a vida em sociedade. A escola surge como lugar intermediário da socialização entre a sociedade e a família.

A CNBB⁷, afirma que, conhecer os jovens é a condição prévia para evangelizá-los. Não se pode amar nem evangelizar a quem não se conhece. Se busca conhecer a geração de jovens cuja evangelização se apresenta como um dos grandes desafios da Igreja neste início do século XXI. Destaque para a subjetividade, para as novas expressões da vivência do sagrado e a centralidade das emoções, enquanto elementos da nova cultura pós-moderna que influenciam no processo de evangelização dos jovens e no fenômeno da indiferença de uma parcela da juventude face à Igreja.

Sobre profecia há uma palavra-chave para entendê-la: resistência. Quanto à etimologia de *resistência*, convém atentar para o prefixo *re*, que aponta para uma duplicação, uma insistência, um desdobramento, uma outra vez; um substantivo derivado do verbo *sistere*: parar, permanecer, ficar, ficar de pé, estar presente. A esse verbo se associa também a *stantia* que invoca a estadia.

Resistência é insistir em estar - em permanecer, em ficar de pé.

O profeta fica de pé e anda, fala, grita, ameaça, mas não se cala. Mesmo assassinado, sua voz ecoa e incomoda.

Resistir é se opor: é lutar. Mas é também resistir à tentação, manter-se firme diante de uma força contrária. Resistência a todo tipo de opressão causado pelo sistema, seja ele, monárquico, ditatorial ou democrático, de ontem e de hoje, que impede a abundância da vida e a construção do projeto de um outro mundo possível e melhor.

⁶ LIBANIO, João Batista. *Jovens em Tempos de Pós-Modernidade: Considerações socioculturais e pastorais*. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

⁷ CNBB. *Evangelização da Juventude: Desafios e Perspectivas Pastorais*. São Paulo: Paulinas, 2007.

No Primeiro Testamento, a profecia aparece no período histórico da monarquia israelita e durante a tutela de assírios, babilônicos, persas, helênicos. São apontados os abusos cometidos pelos reis, monarcas e imperadores, durante a monarquia unida em Israel e depois com os reinos divididos: Israel e Judá, contra o povo. Contra esses abusos, os profetas levantaram suas vozes e fizeram ouvir a mensagem de Deus para aqueles governantes. Pois a profecia é um apelo de Deus à conversão. Ela não se separa da pessoa do profeta. Não é puro discurso, mas ação pública de grande visibilidade. O profeta quando se levanta, se levanta do meio do povo. E não fala somente com palavras, mas com toda a inteireza da vida. Contra o poder opressor o profeta se dirige ao rei e também o faz junto ao povo quando este se corrompe e se afasta da sua missão. O profeta é aquele que fala em nome de alguém. Fala aquilo que vê. Quanto maior a opressão, mais forte será a reação por parte da profecia.

No Segundo Testamento, a esperança dos pobres se realiza no Moreno de Nazaré e nas Primeiras Comunidades criadas após a sua ressurreição no contexto do império romano.

Na época de Jesus, a Aliança com Deus estava falhando, e o primeiro sinal era justamente o aparecimento de gente cada vez mais empobrecida no seio do povo.

O pobre, pelo fato de existir e de ser empobrecido, acusa a todos e se torna para o povo de Deus na boca e nas ações de Jesus uma denúncia vinda do próprio Deus.

Jesus captou, como o fizeram os profetas antes dele, a voz de Deus escondida no clamor dos pobres. A pregação de Jesus não agradou a todos, pois, colocou-se do lado dos pobres, marginalizados, excluídos, violentados em sua dignidade enquanto seres humanos; mas os grandes não o quiseram, preferiram as suas próprias ideias, matando-o na cruz, com o consentimento dos romanos. Sua morte foi a de um maldito. Morreu gritando. E Deus, que ouve o clamor do seu povo, dos pobres, ouviu o grito de Jesus, desceu e o ressuscitou, transformando a cruz, de perdição, em único caminho para alcançar a salvação⁸.

O termo profeta já foi definido como crítico religioso da realidade. É pessoa crítica porque não se conforma com o erro, a injustiça e a opressão. Sua crítica é religiosa porque se expressa em nome da transcendência de Deus. É crítica religiosa da realidade pois se destina a seres humanos precisos, em determinado momento histórico bem concreto. Está no

⁸ VASCONCELLOS, Pedro L.; SILVA, Valmor da. *Caminhos da Bíblia: uma História do Povo de Deus*. São Paulo: Paulinas, 2003, p. 55-60.

coração da profecia, portanto, o seu caráter denunciatório. Em Israel, foi no período dos reis que a profecia falou mais alto. [...] Profetas eram pessoas totalmente imbuídas da Palavra de Deus e absolutamente convencidas de que essa Palavra devia perpassar toda a realidade circunstante. Por isso, em nome de sua vocação profética podem atuar em todos os setores da sociedade, e o fazem de maneira implacável. [...] Na política, a atuação de profetas foi decisiva. Como pessoas bem informadas, agiram de maneira concreta e por vezes até revolucionária. [...] A problemática social é um campo fértil para a atuação de todos os profetas. [...] A visão profética da história é peculiar, e única a capacidade de análise de conjuntura. Os profetas lêem o momento histórico, inspirando-se no passado e com os olhos voltados para o futuro. A história sempre é, para eles, mestra da vida e eles se tornam sujeitos da história que seu povo está vivendo. [...] Ao culto e à religião constituída, a profecia reserva duríssimos ataques. Profeta nenhum agüenta uma religião sem vida, ou seja, um culto sem justiça social. Por isso transmitem a repugnância que Deus sente das liturgias, das ofertas e dos sacrifícios que apenas acobertam vícios e enganos. [...] A denúncia profética atinge os mais diversos campos da vida do povo, tais como economia, exploração, despotismo, escravidão, terra e latifúndio, corrupção, política, julgamentos nos tribunais, violência e sangue derramado, roubo, extorsão, luxo e ócio. [...] A profecia nesses tempos antigos, manifestava-se regularmente junto ao povo. As pessoas citadas como profetas representavam momentos privilegiados dessa revelação, mas a linha profética não abandona o povo de Israel. [...] A profecia representa o lado explosivo do povo de Deus. Ela é sempre necessária. O esquecimento desse lado acarreta enormes prejuízos para a Igreja e para a sociedade.

Os profetas eram, portanto, pessoas com um caminho de vida iluminado pela Palavra de Deus. Ao serem chamados por Deus, puderam senti-lo, puderam experimentá-lo. Deus trabalhou normalmente dentro da mente deles, trabalhou sem pressa dentro do coração deles. Cada profeta teve uma vocação específica, contudo todos eles possuem três elementos em comum:

1. Forte experiência de Deus.
2. Ao experimentar Deus, o profeta se certifica de que é o próprio Deus que o chama para uma missão especial.
3. Esta experiência causa uma mudança profunda em sua vida.

Essa mudança profunda, que transforma o ser humano por inteiro, chamamos de Espiritualidade.

Há vários conceitos e definições a respeito de espiritualidade, pois há várias espiritualidades. A que se trabalha aqui é a espiritualidade cristã católica, pé no chão. A palavra espiritualidade tem sua raiz na palavra *espírito* (*ruah* – em hebraico – cf. Gn 2,7; Jo 20,22).

É bem verdade que, mais do que falar, se sente a Espiritualidade dEle. É o que motiva a entrar na luta pela defesa cotidiana e constante da Vida no Reino.

Casaldáliga e Vigil dizem assim⁹:

A espiritualidade não se opõe à matéria nem ao corpo nem à história. A espiritualidade de que a gente fala não acontece fora do mundo; vive-se aqui, “pé-no-chão”, no dia-a-dia da vida humana, trabalhadora, militante, de luta e festa, de vida e morte e de Vida! A espiritualidade de uma pessoa é o mais profundo de seu próprio ser: suas motivações maiores, seu ideal, sua mística de vida, a utopia que a dinamiza e empolga. Ter “espírito” e ter “espiritualidade” equivalem praticamente. “Espírito é substantivo concreto”. “Espiritualidade é o substantivo abstrato”.

Espiritualidade é a capacidade do ser humano de dialogar com o Eu profundo e com o Totalmente Outro que lhe fala. É a possibilidade dada e recebida graciosamente de ouvir os apelos do coração e dialogar com o que nos transcende, o que nos inunda de mistério. Nesse sentido, a espiritualidade é a aura que sustenta os valores de solidariedade, compaixão, cuidado e amor; fundamentais para uma sociabilidade verdadeiramente humana. Se é verdadeira e, portanto, divina.

Essa mudança profunda, que transforma o ser humano por inteiro, na revelação bíblica se define como uma forma de estar no mundo. Interpretando todos os acontecimentos à luz da fé, e agindo por impulso do Espírito que nos liberta das idolatrias (idolatria é tudo aquilo que nos afasta do divino, que nos leva a desgraça) e nos transforma para criar comunidade solidária. Foi essa a vocação da humanidade que, realizada no Moreno de Nazaré, se vai concretizando pouco a pouco em nossa história de graça e de pecado. Ele, vai nos inundando com a sua mística.

Quando falamos de mística estamos nos referindo ao mistério que nos faz viver. É o mistério que comunica, é o sentido que tende a construir uma fraternura na Terra: harmonia com a Natureza, com as coisas, entre nós, com Deus. A palavra mística tem sua raiz na palavra *mistério* (*mysterion* – em grego – cf. Mc 4,11; 1Cor 2,1,7; Cl 1,27; Ef

⁹ CASALDÁLIGA, Pedro; VIGIL, José Maria. *Espiritualidade da Libertação*. 4.ed. Petrópolis: Vozes, 1996, p. 35.

1,9). Espírito e Mistério são palavras que se completam, e no nosso caso, estão estritamente ligadas ao Mistério Pascal de Jesus e ao Espírito Santo de Deus que nos impulsiona e encoraja na caminhada cotidiana, de conversão, de recuos e avanços.

Espiritualidade e mística, se não forem sentidas e bem usadas, se tornam fuga. E fuga é o que mais acontece hoje em dia.

Mística¹⁰ é o fio condutor, uma linha invisível que une a memória e os sonhos, que une a história e a utopia, que une o passado e o futuro e que faz do presente uma grande festa, uma grande celebração. E por que se faz uma grande celebração? Porque Deus é fiel e nós reconhecemos isso. Se Deus é fiel, nós até gostamos.

Mas quais são os passos para fazer um itinerário na espiritualidade?

- Primeiro passo: *fazer silêncio*. A juventude deve perceber que é no silêncio que Deus se revela a nós e nós nos revelamos a Ele; deve entender que ao calarmos nossas vozes interiores e exteriores, todo o nosso ser se cala e aguçam-se nossos sentidos na escuta daquele que vem.
- Segundo passo: *pedir humildemente a ajuda do Espírito Santo*. É necessário pedir ao Pai que mande o seu Espírito. Pois, sem esta ajuda do Espírito de Deus, não é possível descobrir o sentido que a Palavra de Deus tem para o seu povo hoje.
- Terceiro passo: *a Leitura Orante da Bíblia*. É necessário subir os degraus:
 - Primeiro degrau: *a leitura*. O que o texto diz em si?
 - Segundo degrau: *a meditação*. O que o texto diz para mim, para você?
 - Terceiro degrau: *a oração*. O que o texto me faz dizer a Deus?
 - Quarto degrau: *a contemplação*. Ver o mundo em que vivemos com os olhos de Deus, saboreando o jeito de ser e agir de Deus; o quanto Ele é bondoso e o que faz para nós.
- Quarto passo: *a reza do Ofício Divino das Comunidades – Ofício Divino da Juventude*.
- Quinto passo: *o contato com a literatura especializada sobre o tema*.

¹⁰ TAVARES, Emerson Sbardelotti. *O Mistério e o Sopro: roteiros para acampamentos juvenis e reuniões de grupos de jovens*. Brasília: CPP, 2005.

Quando se fala em espiritualidade libertadora, significa um agir de fé à luz do espírito de Jesus, efetivando no palco histórico uma verdadeira opção evangélica pelos pobres. Tal espiritualidade segue dizendo que nos nossos dias o prosseguimento de Jesus como espírito torna-se o fundamento central para situar e entender corretamente a espiritualidade cristã. Para efetivamente concretizar a espiritualidade cristã libertadora no seio do continente latino-americano, propõe-se os seguintes passos:

1º passo: Considerar a realidade latino-americana como uma realidade de contradições, muitas vezes ao avesso da oração do Pai Nosso.

2º passo: Frente a essa realidade, renunciar a qualquer postura de indiferentismo e provocar uma leitura teológica dessa mesma realidade.

3º passo: Efetivar, à luz da fé, uma práxis com o objetivo de lutar contra toda pobreza e exclusão, contra toda forma de vitimização da vida, contra toda forma de desrespeito ao diferente e contra toda forma de negação de Deus como o Deus da vida.

4º passo: Procurar realizar essa prática tanto de forma individual quanto comunitária, buscando criteriosamente discernir pessoas e organismos que possam ajudar nessa ação.

5º passo: Não esquecer de sempre alimentar-se da fonte, da mola propulsora de toda esta práxis: Jesus Cristo.

2. Se há jovens profetas, onde eles estão?

É uma pergunta difícil de ser respondida no atual cenário de Igreja, em que há a supervalorização de uma experiência da fé de fora para dentro da Igreja, sendo uma experiência muitas vezes fundamentalista, alienante, desapegada da práxis libertadora.

A juventude não se vê mais apaixonada pela mensagem da Igreja, eis a questão. Ela está apaixonada pelos prazeres que o mundo pode lhe oferecer. Se não há um amor verdadeiro da juventude pela Igreja e da Igreja pela juventude, não há evangelização da juventude, não há civilização do amor.

Não é de agora que a catequese (Primeira Eucaristia, Crisma, Catecumenato) não é assumida pela juventude, portanto não há uma continuidade do chamado iniciado com o Batismo; continua ainda nas mãos de adultos, bem intencionados, mas muitas vezes, desfalcados de conhecimentos históricos, bíblicos e teológicos, de carinho, compreensão e entendimento do pensamento e dos sentimentos dos jovens espalhados nas paróquias deste País.

Entender o mundo juvenil não é prática comum, não é para qualquer pessoa.

E o que dizer sobre os jovens que estão nas comunidades eclesiais de base e que assumem, com certos custos, a missão de evangelizar a juventude, e que não contam muitas vezes com o apoio da própria comunidade, de outros jovens, do padre, da religiosa, do bispo... São como águias estressadas. Avistam o horizonte ao longe, mas já não conseguem bater suas asas e voar bem alto, próximas do sol... Querem comer, mas já não sabem caçar. Reclamam, mas não conseguem avançar.

Mesmo tendo uma estrutura bem montada na Igreja, com um belo trabalho por parte de uma juventude militante, não se consegue ouvir a voz da profecia.

Quando isso ocorre, com certeza, por conta de uma ação isolada não atingiu o todo da Igreja, por todo o País. De fato, os gritos estão silenciados e não evidenciados. Há uma incoerência programada no meio da juventude militante de pensar que, por estarem nos lugares mais altos dentro da estrutura, que não devam mais participar e partilhar suas experiências nas suas comunidades e paróquias de origem, enfraquecendo toda a engrenagem de formação de novas lideranças juvenis. Se estes militantes (coordenadores e assessores), mais experimentados, assumem coordenações diocesanas, regionais e a nacional, mas não são conhecidos, reconhecidos, e não estão a disposição em suas bases, qual o crédito que terá, se dará, a tais testemunhos no seio das comunidades que os enviaram em missão?

Afinal, o jovem é sujeito da História, é o sujeito de sua realidade, mas é a comunidade eclesial de base que chama em nome de Deus e envia para a evangelização, de dentro para fora da Igreja. Ao agirem, distanciando-se da base, pregando que ela não é importante, desvalorizando e caluniando o trabalho de outros coordenadores e assessores, por pensarem e agirem diferente, estão sendo os culpados pelo calar-se da profecia; e o que é pior, arrastam outros jovens a cometerem o mesmo pecado.

O cansaço e o desânimo têm levado a juventude a desistir muito facilmente da Palavra de Deus e de todo comprometimento que ela sugere para a humanidade. Ela se dirige para o encontro e o diálogo com várias outras ideologias que são diferentes daquelas oriundas de um ambiente religioso familiar onde a fé é mais cultural e tradicional do que pessoal.

Do ano de 2003 até o atual, se pode constatar um pequeno crescimento e melhora na educação e na saúde, beneficiando assim a

juventude. Mas ainda é pouco. É necessário que se tome ações mais enérgicas.

A juventude é chamada a ser portadora de profecia e de espiritualidade, numa sociedade globalizada, onde há uma inevitável mudança de valores, do aumento do individualismo, do sexo desenfreado, do fundamentalismo, da violência e do extermínio de jovens.

A violência permeia a vida humana desde os primórdios. Nos últimos anos aniquilou de várias maneiras a existência juvenil no Brasil. Mata-se e morre-se muito mais no Brasil, por conta das drogas lícitas e ilícitas, do trânsito, das DST, do que durante a Primeira e a Segunda Guerra Mundial. Um verdadeiro extermínio.

O jovem envolvido com a violência e sem uma estrutura familiar e um círculo de amigos não quer perder tempo encontrando um emprego em que o salário mínimo não lhe irá garantir a realização dos seus sonhos e prazeres imediatos. Ele prefere ser uma "mula" ou um "avião" do tráfico na escola em que estuda, não importando se irá ficar reprovado ou não. Prefere tomar conta da "boca", exterminando os rivais e mantendo a polícia longe, pois assim terá poder material e pessoal.

A violência tem povoado os noticiários, os programas de TV, as discussões no barzinho da esquina. Os crimes cometidos contra a juventude e pela juventude deixam aos poucos de serem números preocupantes, pois se tornam senso comum. E aumenta o coro daqueles políticos que querem diminuir a maioria penal, mesmo que a questão já tenha sido encerrada em votação no Congresso Nacional.

As ações são tímidas e as vozes proféticas na Igreja não são ouvidas!

A injustiça está batendo à porta e não se faz nada.

Enquanto houver injustiça e pobres, o Reinado da Vida não acontecerá.

3. Considerações Finais

Juventude é um tempo propício de educação, de encontro e diálogo, de oferta e descoberta. Tempo em que o amor avança para uma relação nova.

Relação em que o jovem experimenta o Transcendente a partir de uma análise da própria vida e da própria vocação.

Os mesmos passos que Deus percorreu para dar uma resposta adequada à sua vocação: ouvir, lembrar, ver, conhecer, descer, decidir, chamar. Eis o desafio da profecia e da espiritualidade juvenil.

Falamos aqui da profecia e da espiritualidade que borbulha dentro e para além de nossa Pastoral da Juventude: O Mistério Pascal do Moreno de Nazaré.

Muitos jovens vieram antes de nós e testemunharam os ares da abertura do Concílio Vaticano II, de Medellín, de Puebla. Colocaram-se em missão e levaram o Evangelho a todos os cantos deste Continente.

Somos frutos destes testemunhos proféticos; somos frutos da libertação de uma teologia europeia para uma Teologia da Libertação, onde o centro é o Moreno de Nazaré e sua prática e pedagogia libertadora em direção aos pobres.

Muitas cruces foram levantadas, sangue inocente foi derramado por causa da Palavra germinada nestas terras continentais, de rostos indígenas, negros e brancos.

Nossa profecia e espiritualidade é martirial. E com o sangue de nossos mártires não se pode brincar.

Nossa profecia e espiritualidade têm algo de diaconal e de comunhão. É anúncio e denúncia. É defesa constante da vida. No Brasil, na nossa América *Afro-Latíndia*, o compromisso com as causas do Reino, nas causas do Povo, fizeram da Pastoral da Juventude, um ponto de encontro, um porto seguro, para as discussões sócio-políticas, religiosas e econômicas, que não podem e nem devem ser vividas, entendidas e interpretadas separadamente. É o Caminho de Emaús a ser percorrido!

E não há caminho a ser percorrido sem cruz a ser carregada!

Falar de profecia e espiritualidade nos dias atuais significa encontrar em nós e na comunidade, o mistério que nos faz viver com os pés no chão, atentos aos apelos e aos clamores do povo, com o coração e os ouvidos bem abertos para o que Deus tem a nos dizer. Que nossa juventude retome a profecia ao experimentar do cálice... Há muita coisa a ser feita... O Reino ainda não chegou... Mas continuamos na luta!

Na Paz militante do Reino da Vida!
No Sonho do Outro Mundo Novo Possível!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASALDÁLIGA, Pedro; VIGIL, José Maria. *Espiritualidade da Libertação*. 4.ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

CELAM – Conselho Episcopal Latino – Americano. Seção Juventude – SEJ. *Civilização do Amor – Tarefa e Esperança*. Orientações para a Pastoral da Juventude Latino-Americana. São Paulo: Paulinas, 1997.

CNBB. *Evangelização da Juventude: Desafios e Perspectivas Pastorais*. São Paulo: Paulinas, 2007.

COMBLIN, José. *A Profecia na Igreja*. São Paulo: Paulus, 2008.

DICK, Hilário. *Gritos silenciados, mas evidenciados: Jovens construindo Juventude na História*. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

LIBANIO, J. B. *Jovens em Tempos de Pós-Modernidade: Considerações socioculturais e pastorais*. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

TAVARES, Emerson Sbardelotti. *O Mistério e o Sopro: Roteiros para Acampamentos Juvenis e Reuniões de Grupos de Jovens*. Brasília: CPP, 2005.

_____. *Utopia Poética*. São Leopoldo: CEBI, 2007.

VASCONCELLOS, Pedro L.; SILVA, Valmor da. *Caminhos da Bíblia: Uma História do Povo de Deus*. São Paulo: Paulinas, 2003.